

Dialogismo entre gêneros intercalados na narrativa *O Hobbit*, de J.R.R. Tolkien

Dialogism between interspersed genres in the
narrative *The Hobbit*, by J.R.R. Tolkien

Charles Albuquerque Ponte¹

Ismael Arruda Nazario da Silva²

Jailma Pereira Martins³

1 Doutor e Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN, ca_ponte@yahoo.com.br.

2 Mestrando em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN, will_dublin@outlook.com.

3 Mestranda em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN, jailmamar-tins@hotmail.com.

RESUMO: A narrativa presente em O Hobbit, de J.R.R. Tolkien, é composta por variados poemas que dialogam com a história em desenvolvimento. Essa conexão é importante pois promove uma comunicação conteudística entre aqueles o romance. Assim sendo, objetivamos, neste artigo, investigar as relações existentes entre os dois gêneros numa perspectiva dialógica. Mostraremos como o conteúdo dos poemas relaciona-se com os eventos da narrativa. Utilizaremos, principalmente, como aporte teórico, os trabalhos de Bakhtin (1992 e 2015) acerca do dialogismo entre os diferentes discursos e dos gêneros intercalados, e o trabalho de Brait (2005) concernente também ao dialogismo. Selecionamos dois poemas e analisamos os conteúdos. Após a análise, compreendemos que os poemas são fundamentais para a dinâmica interna do romance, dialogando em muitos pontos com ele, dando suporte na apresentação dos fatos narrados.

PALAVRAS-CHAVE: O Hobbit; Gêneros intercalados; Dialogismo.

ABSTRACT: The narrative present in The Hobbit, by J. R. R. Tolkien, is composed of varied songs that dialogue with the plot being developed. This connection is important because it promotes a content communication between those and the story. Thus, we aim, in this article, to investigate the relations between the two genres from a dialogical perspective. We will show how the contents of the poems relate to the events of the narrative. We will mainly use Bakhtin's (1992 and 2015) works on the dialogism between the different discourses, and the intercalated genres, and the work by Brait (2005) concerning dialogism. We selected two poems and analyzed their contents. After the analysis, we understand that the poems are fundamental to the internal dynamics of the story, dialoguing with it in many points, giving support in the presentation in the narrated events.

KEYWORDS: The Hobbit; Interspersed genres; Dialogism.

Introdução

J.R.R. Tolkien foi um filólogo e professor que lecionou na Universidade de Oxford, na Inglaterra. Durante sua vida acadêmica, Tolkien dedicou-se a escrever histórias que mais tarde viriam a se tornar obras-primas da literatura inglesa. Em 1937, ele lançou *O Hobbit*, livro que inaugurou sua carreira de escritor. Anos depois, a pedido da editora, Tolkien lançou outra narrativa, *O Senhor dos Anéis* (1954-1955), sua mais aclamada narrativa de ficção. Neste trabalho, nossa atenção será direcionada para a primeira obra, *O Hobbit*, enquanto corpus de análise.

O Hobbit tem como espaço narrativo a Terra-média. Esse lugar foi criado por Tolkien inspirado no noroeste da Europa (LÓPEZ, 2004, 101), para desenrolar suas narrativas heroicas. Em *O Hobbit*, Bilbo Bolseiro é chamado para participar de uma aventura da qual treze anões e um mago farão parte. Essa jornada, empreendida pelas personagens, pode ser caracterizada como a jornada do herói estudada por Joseph Campbell (2007), em *O herói de mil faces*. Na narrativa, as personagens enfrentam perigos e desafios enquanto atravessam a Terra-média, para recuperarem o tesouro dos anões que foi roubado por um dragão.

O Hobbit é um conto de fadas e, como tal, apresenta forte presença de outros gêneros no seu seio, mesclando romance e poesia. Os poemas possuem forte ligação com a história maior uma vez que se comunicam com a narrativa, antecipando, muitas vezes, cenas que irão acontecer, ou relatando momentos que já foram narrados. Em vista disso, partimos do pressuposto de que os poemas presentes naquela narrativa dialogam com a história em andamento, mantendo, assim, relações dialógicas que se retroalimentam e contribuem para a dinâmica interna do conto. Investigaremos, pois, nestas páginas, a relação dialógica entre dois poemas e a narrativa em prosa segundo os preceitos Bakhtinianos

O dialogismo proposto por Bakhtin (2015) diz respeito à constante comunicação entre os variados discursos que perpassam a comunidade, a sociedade e a cultura no geral. No contexto da obra de Tolkien, especificamente, em *O Hobbit*, o dialogismo trata da comunicação entre o conteúdo da trama maior e o dos poemas que interceptam a estrutura interna da obra.

As narrativas de Tolkien são exemplos de produções que exploram os gêneros intercalados, como poesia em *O Hobbit*, por exemplo. Esses tratam da presença de um ou mais gêneros literários no corpo de um artefato literário como o romance. Os gêneros introduzidos, assim, mantêm sua estrutura estilística e composição linguística originais, contribuindo para uma obra múltipla e dialógica no seu interior.

Com um enfoque analítico-descritivo, investigaremos as relações dialógicas estabelecidas entre os poemas contidos no corpo da obra e a narrativa maior. Para tanto, utilizaremos somente a versão em português⁴ de *O Hobbit* (2002a), lançada pela editora Martins Fontes, traduzida por Lenita Maria Rimoli Esteves, responsável pela parte em prosa, e por Almiro Pisetta, encarregado da tradução dos poemas, como *corpus*. Recorreremos aos estudos de Bakhtin (1992 e 2015) e Brait (2015) acerca do dialogismo e dos gêneros intercalados como base teórica.

Dialogismo e gêneros intercalados no romance

A relação intertextual entre as artes, ou seja, o diálogo que se estabelece entre textos produzidos em épocas diferentes ou no mesmo período, tem se tornado uma característica da contemporaneidade. Tem sido uma prática frequente entre escritores, roteiristas e diretores, *que retomam em contos, romances, crônicas, poemas ou histórias em quadrinhos alguns temas que lhes são relevantes*. Embora esse fenômeno seja antigo, o seu tratamento é novo, constituindo uma nova maneira de pensar e de apreender formas de intersecção explícita ou implícita de um texto em outro. Segundo Bakhtin (1992, p. 331), todo texto é essencialmente dialógico, ou seja, todo texto abriga em si outros com os quais interage.

4 Ao leitor deste trabalho, é importante salientar que as traduções dos poemas divergem em muitos pontos das versões em inglês desses. Quando for necessário, estaremos abordando essas principais diferenças em nota de rodapé, para que o leitor tenha uma compreensão maior acerca da discussão que envolve o texto em prosa e o texto em verso em *O Hobbit* e a comunicação entre os dois.

Nessa perspectiva, Bakhtin (1992, p. 331) acrescenta que para construção de um texto se faz uso de uma língua: “Se por trás do texto não há uma língua, já não se trata de um texto, mas de um fenômeno natural (não pertencente à ordem do signo)”. Diante disso, deve-se levar em conta que a concepção de língua para Bakhtin (1999, p. 123) se refere à comunicação verbal: “a interação verbal constitui [...] a realidade fundamental da língua”. Portanto, para se compreender o sentido de um texto se faz necessário ir além dos aspectos extralinguísticos, já que ele também pode ser um enunciado utilizado na comunicação verbal de um determinado campo de atuação. Diante disso, pode-se dizer que não há textos neutros, uma vez que, segundo Brait (2005, p. 94), “a linguagem não é falada no vazio, mas numa situação histórica e social concreta no momento e no lugar da atualização do enunciado”. Assim o sentido de um texto está diretamente relacionado ao contexto sócio-histórico de sua produção, ou seja, “às condições de comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais” (BRAIT, 2005, p. 94).

Além disso, é importante ressaltar que a linguagem é dialógica, visto que reflete os diferentes discursos que circulam em uma sociedade. Nesse sentido, Bakhtin (2005, p. 94 - 95) aponta que dialogismo é “o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem”. Desse modo, a interação com o outro é inevitável, pois o eu constitui o outro e é também por ele constituído, como Brait (2005) nos mostra:

O dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, se instauram e são instaurados por esses discursos. E aí, dialogismo e dialético aproximam-se, ainda que não possam ser confundidos, uma vez que Bakhtin vai falar do eu que se realiza no nós, insistindo não na síntese, mas no caráter polifônico dessa relação exibida pela linguagem (BRAIT, 2005, p. 95).

Nesse âmbito, percebe-se que não é possível analisar um discurso enquanto fala individual, mas como uma expressão social significativa, em que ocorre o entrelaçamento de vozes, que são veiculadas e se concretizam conforme as interações entre os sujeitos envolvidos no diálogo. Nesse panorama, Brait (2005, p. 96) conclui que

a língua tem um papel muito importante “na constituição do universo significante”. Além disso, ela destaca a literatura como um gênero discursivo privilegiado em relação a esse aspecto, pois através dele é possível perceber a “representação da complexa natureza dialógica da linguagem”.

Dentro desse quadro, não se pode esquecer que, nessa interação, os sujeitos envolvidos usam signos que, conforme Sobral e Giacomelli (2016, p. 1077), são geralmente ideológicos. Nesse sentido, não é a língua em si que reflete uma ideologia, mas a maneira como é utilizada para que se atinjam determinadas finalidades. Assim se convencionou chamar a materialidade dos discursos de texto como bem nos mostram esses autores:

O discurso é a unidade de análise que tem uma materialidade, o texto, falado ou escrito etc., e o texto usa a língua. Mas o discurso não se confunde com o texto nem com a fala ou com a língua. O discurso usa a língua, falada ou escrita, e constrói textos. Assim, o discurso só pode ser entendido se soubermos, além do texto, quem usa a língua para se dirigir a quem, em que contexto, incluindo o momento, local, interlocutores e suas relações sociais, ambiente (institucional, familiar, entre outros). (SOBRAL e GIACOMELLI, 2016, p. 1077-1078).

Diante disso, constata-se que o texto se configura como um repositório de múltiplos discursos, que podem representar as mais diversas instâncias de uma sociedade. Assim, dependendo da finalidade do discurso, o texto se desdobra em gêneros. Entre tantos outros, podemos citar como exemplo o romance, que geralmente apresenta em sua forma composicional discursos alheios e distintos na construção de sentido de suas narrativas. Uma das maneiras de organização dessas falas nesse tipo de texto é através dos gêneros intercalados. Nessa esteira de pensamento, Bakhtin mostra os mais diversos gêneros que podem ser utilizados na composição de um romance:

O romance permite que se introduzam em sua composição diferentes gêneros tanto literários (novelas intercaladas, peças líricas, poemas, cenas dramáticas etc.) como extraliterários (retóricos, científico, religioso, narrativa de costumes, etc.). Em princípio, qualquer gênero poder ser incluído na construção do romance, e de fato é muito difícil

encontrar um gênero que não tenha sido introduzido algum dia e por alguém no romance. Os gêneros introduzidos no romance costumam conservar nele a elasticidade de sua construção, sua autonomia e sua originalidade linguística e estilística (BAKHTIN, 2015, p. 108).

Como se pode notar, é através da linguagem própria de cada um desses gêneros que é possível aprofundar a natureza heterodiscursiva do romance. Logo, os gêneros utilizados podem refletir a intenção do autor de forma clara, ou até mesmo sugerida através das entrelinhas do texto. De acordo com Bakhtin (2015, p. 109), os poemas podem ser introduzidos, por exemplo, “de forma direta, poeticamente intencionais, plenamente conscientes”, isto é, é possível que sejam sentenças organizadas filosoficamente pelo próprio autor que escancaram suas impressões pessoais sobre determinado assunto em discussão na própria obra. Entretanto, é importante salientar que a presença desse gênero no romance pode ser apenas objetal, ou seja, o discurso mostrado desprovido de intenções do autor, ou, pelo menos, “não declarados, mas apenas mostrado como coisa, numa palavra”.

Portanto, conclui-se que os gêneros intercalados são uma das formas fundamentais de introdução da variedade de discursos sociais dentro do romance. O heterodiscurso usado nesse gênero textual é definido por Bakhtin (2015 p. 113) como “discurso do outro na linguagem do outro”, que tem como função refletir as intenções do autor de formas diversas (de modo evidente, ou apenas sugerido). Nesse processo, a palavra utilizada nesse discurso apresenta dois focos simultaneamente, já que serve para dois falantes, que representam duas intenções diferentes: a da personagem que fala e a do autor do texto. Nessa manifestação há duas vozes, que podem sugerir dois significados distintos, mas que dialogam uma com a outra, pois, conforme Bakhtin (2015, p. 113), “a palavra bivocal é sempre interiormente dialogada”.

Um conto dos hobbits: enredo e abordagem metodológica

No tocante à análise dos poemas presentes em *O Hobbit*, entendemos que, por haver uma grande quantidade de produções desse gênero no interior da narrativa, foi necessário selecionar apenas dois para que pudéssemos analisá-los com profundidade. Dos variados poemas existentes na história, escolhemos o primeiro que, na nossa edição de análise, lançada pela editora Martins Fontes, em 2002, emerge na página 13, no capítulo *Uma festa inesperada*, e o poema das páginas 254 e 255, presente no capítulo *Tempestade à vista*. O critério de seleção foi a semelhança que esses poemas apresentavam entre si, principalmente quanto à forma de falar sobre os acontecimentos da história em prosa.

Para uma apropriada análise dialógica dos poemas, relacionando-os com a história maior, é fundamental que narremos os principais fatos que movem *O Hobbit* enquanto objeto de estudo, a fim de que possamos situar o leitor quanto ao contexto de inserção das produções poéticas. Dessa maneira, o leitor poderá, mesmo não tendo lido o livro de Tolkien, imergir na história e compreender as relações que conectam ambos os gêneros, romance e poema.

A narrativa começa quando Gandalf, um mago vestido de cinza, com um chapéu azul pontudo, aparece no Condado onde os hobbits moram e aborda Bilbo Bolseiro, dizendo que está à procura de uma pessoa para participar de uma aventura. O hobbit fica incomodado com a proposição e dispensa o mago, afirmando que aventuras são incômodas. No dia seguinte, Gandalf reúne o hobbit e treze anões para discutirem os detalhes da viagem e da contratação de Bilbo como ladrão. É nesse momento que Bilbo descobre que há muito tempo, quando o reino dos anões prosperava na Montanha Solitária, um dragão surgiu e tomou o local, matando inúmeros anões, expulsando os sobreviventes para longe e se apossando do tesouro dos anões, o qual Bilbo deve ajudar a recuperar.

Com o hobbit decidindo participar da aventura, a companhia inicia sua jornada. E, no limite das terras conhecidas, eles se deparam com um grupo de trolls, que

os capturam. No entanto, Gandalf os salva com a ajuda da luz do sol que transforma as três criaturas em pedra. O grupo segue para Valfenda, morada dos elfos, onde obtêm descanso e descobrem como entrar na montanha, usando uma antiga chave e um antigo mapa que Gandalf guardava consigo.

Finalizando a estadia em Valfenda, eles seguem para as Montanhas Sombrias. Enquanto descansam numa caverna, são capturados e levados para a presença do mestre dos orcs. Nesse meio tempo Bilbo se perde e acha Um Anel de Sauron no chão dos túneis da montanha. Ele desce tão fundo que encontra Gollum, uma criatura com olhos grandes e que quer devorá-lo. Bilbo foge com a ajuda do anel que o torna invisível. A companhia também escapa da montanha graças a Gandalf mais uma vez. Todos se reúnem na floresta adjacente e são perseguidos por lobos e orcs. As águias salvam a todos e os deixam nas terras de Beorn, um homem que se transforma em um urso selvagem. Na casa dele, todos se alimentam e descansam para continuarem a viagem.

O grupo segue para a Floresta das Trevas e grandes aranhas os prendem. Bilbo os salva e, logo em seguida, os elfos da floresta os prendem e os levam para seus domínios. O hobbit é o salvador mais uma vez, tirando-os de lá em barris, que seguem para a Cidade do Lago, onde conseguem ajuda para seguir adiante. Ao chegar na montanha, Bilbo conversa com o dragão Smaug. Após o diálogo, a fera sai para destruir a cidade, pois descobre que eles ajudaram o grupo. O dragão é morto e os anões recuperam a montanha. Logo em seguida, acontece a Batalha dos Cinco Exércitos e muitos morrem, inclusive alguns da companhia de Bilbo. O hobbit retorna para casa com Gandalf ao final da aventura.

O resumo acima ilustra os principais eventos desenvolvidos na história de *O Hobbit* como reportado na segunda versão da obra que ficou mundialmente conhecida. Agora possuímos um pano de fundo adequado para situarmos e abordarmos os poemas escolhidos para esta análise. Havendo necessidade, iremos aprofundar os fatos expostos anteriormente como meio de evidenciar com mais propriedade o dialogismo entre os poemas citados.

Análise dialógica dos poemas

O primeiro poema que dialoga com a narrativa em prosa está exposto a seguir na íntegra. Este poema é cantado pelos anões na casa de Bilbo quando todos estão reunidos decidindo sobre a jornada que os espera e fazendo os devidos preparativos para o dia seguinte. Bilbo é tomado de grande espírito aventureiro quando o ouve e, na sua mente, cenas de lugares distantes surgem e o impressionam. É nesse momento que ele deseja partir para terras longínquas e conhecer o mundo.

Para além das montanhas nebulosas, frias,
Adentrando cavernas, calabouços cravados,
Devemos partir antes de o sol surgir,
Em busca do pálido ouro encantado.

Operavam encantos anões de outrora,
Ao som de martelo qual sino a soar
Na profundidade onde dorme a incerteza,
Em antros vazios sob penhascos do mar.

Para o antigo rei e seu elfo senhor
Criaram tesouros de grã nomeada;
As pedras plasmaram, a luz captaram
Prendendo-a nas gemas do punho da espada.

Em colares de prata eles juntaram
Estrelas floridas; fizeram coroas
De fogo-dragão e no mesmo cordão
Fundiram a luz do sol e da lua.

Para além das montanhas nebulosas, frias,

Adentrando cavernas, calabouços perdidos
Devemos partir antes de o sol surgir
Buscando tesouros há muito esquecidos.

Para seu uso taças foram talhadas
E harpas de ouro. Onde ninguém mora
Jazeram perdidas e suas cantigas
Por homens e elfos não foram ouvidas.

Zumbiram pinheiros sobre a montanha,
Uivaram os ventos em noites azuis.
O fogo vermelho queimava parelho,
As árvores-tochas em fochos de luz.

Tocaram os sinos chovendo no vale,
Erguiam-se pálidos rostos ansiosos;
Irado o dragão feroz se insurgira
Arrasando casas e torres formosas.

Sob a luz da lua fumavam montanhas;
Os anões ouviram a marcha final.
Fugiram do abrigo achando o inimigo
E sob seus pés a morte ao luar.

Para além das montanhas nebulosas, frias,
Adentrando cavernas, calabouços perdidos,
Devemos partir antes de o sol surgir,
Buscando tesouros há muito esquecidos.

(TOLKIEN, 2002a, p. 13)

O poema acima é composto de dez estrofes distribuídas em quatro versos, em que o segundo verso rima com o quarto, e o terceiro apresenta uma rima interna, exceto pela antepenúltima estrofe. Já na versão em inglês do poema⁵, da edição Harper Collins, de 2006, temos que as rimas acontecem envolvendo sempre o primeiro, o segundo e o quarto versos, havendo também rimas internas sempre nos terceiros versos de cada estrofe, semelhante à versão traduzida para o português. Esse poema, basicamente, funciona para antecipar fatos que serão desenvolvidos no decorrer da narrativa e para mostrar ao leitor um pouco dos acontecimentos anteriores ao momento em que a história está

5 Far over the misty mountains cold/To dungeons deep and caverns old/We must away ere break of day/To seek the pale enchanted gold.

The dwarves of yore made mighty spells,/While hammers fell like ringing bells/In places deep, where dark things sleep,/In hollow halls beneath the fells.

For ancient king and elvish lord/There many a gleaming golden hoard/They shaped and wrought, and light they caught/To hide in gems on hilt of sword.

On silver necklaces they strung/The flowering stars, on crowns they hung/The dragon-fire, in twisted wire/They meshed the light of moon and sun.

Far over the misty mountains cold/To dungeons deep and caverns old/We must away, ere break of day,/To claim our long-forgotten gold.

Goblets they carved there for themselves/And harps of gold; where no man delves/There lay they long, and many a song/Was sung unheard by men or elves.

The pines were roaring on the height,/The winds were moaning in the night./The fire was red, it flaming spread;/The trees like torches blazed with light.

The bells were ringing in the dale/And men looked up with faces pale/The dragon's ire more fierce than fire/Laid low their towers and houses frail.

The mountain smoked beneath the moon;/The dwarves, they heard the tramp of doom./They fled their hall to dying fall/Beneath his feet, beneath the moon.

Far over the misty mountains grim/To dungeons deep and caverns dim/We must away, ere break of day,/To win our harps and gold from him! (TOLKIEN, p. 18-9, 2006)

acontecendo no livro. Analisaremos todas as estrofes, e mostraremos como os dois gêneros estão interligados em conteúdo narrativo, numa perspectiva dialógica.

A primeira estrofe do poema anterior discorre acerca da jornada que os anões, Bilbo e Gandalf irão realizar, quando cantam “Para além das montanhas nebulosas, frias”. Nesse trecho, podemos notar que eles irão viajar para longe, através da Terra-média e que será perigoso, quando relatam “Adentrando cavernas, calabouços cravados”. Esses dois primeiros versos dialogam com o romance e podemos notar isso na passagem abaixo retirada da narrativa:

Estamos reunidos para discutir nossos planos, caminhos, meios, política e estratégias. Deveremos, brevemente, antes do nascer do dia, iniciar uma longa viagem, uma viagem da qual alguns de nós, ou todos nós (com exceção de nosso amigo e conselheiro, o engenhoso mago Gandalf), talvez nunca voltemos. Este é um momento solene. Nosso objetivo é, pelo que entendo, bem conhecido por todos. Para o estimável Sr. Bolseiro, e talvez para um ou dois dos anões mais jovens (acho que estou certo em citar Kili e Fili, por exemplo), a situação exata no momento parece exigir uma pequena e breve explicação... (TOLKIEN, 2002a, p. 16).

Thorin, um dos anões, diz claramente que a viagem será perigosa e que talvez nenhum, com exceção de Gandalf, retorne com vida. Ao ouvir isso, Bilbo se desespera e cai no chão, pois a perspectiva de não retornar ou retornar sem vida o põe muito medo. Retornando aos versos, quando o poema menciona “cavernas”, os anões podem estar fazendo referência às cavernas das Montanhas Sombrias, pelas quais os aventureiros irão se enveredar. Aqui, o autor antecipa a narrativa, para Bilbo e o leitor, indicando que a companhia atravessará um espaço perigoso, em analogia aos termos anteriores, e que nesse espaço, eles encontrarão cavernas e calabouços aparentemente perigosos.

Os versos seguintes também dialogam com a narrativa em prosa: “Devemos partir antes de o sol surgir/Em busca do pálido ouro encantado”. Nesse ponto, os versos mostram que eles estão apressados e que devem seguir viagem o mais rápido possível. No enredo, eles mencionam constantemente o Dia de Durin, ou seja, o primeiro dia do ano novo dos anões, e concordam que devem seguir para a montanha

antes que esse passe. O propósito da companhia é recuperar seu antigo lar no interior da Montanha Solitária e, também, o tesouro roubado por Smaug muitos anos antes de a história ser relatada para Bilbo, no Condado.

Na estrofe seguinte, há o relato de que antes de o dragão chegar a Erebor, os anões viviam prósperos, produzindo objetos preciosos e, no processo de feitura de seus artefatos, eles realizavam encantos, impregnando-os com magia. Os versos não relatam que tipo de magia era realizada e nem com que propósito. As duas linhas seguintes falam um pouco acerca de onde os trabalhos dos anões eram realizados: na “[...] profundezas onde dorme a incerteza”, querendo dizer, no interior da montanha, cavando e escavando a rocha atrás de joias preciosas.

No interior da montanha, eles não sabem o que poderão encontrar e relatam isso quando dizem que a profundezas é incerta⁶. O poema pode estar fazendo referência às criaturas sombrias, à semelhança do Balrog⁷, encontrado em Moria, quando os anões de lá escavaram fundo. Acerca do último verso da segunda estrofe, não temos informações, nem no poema e nem no romance traduzidos, que nos conceda pistas sobre a que os anões estão se referindo quando mencionaram, “Em antros vazios sob penhascos do mar⁸”, muito embora possamos imaginar que estejam se referindo ao dragão Smaug que também dorme sob a montanha.

6 A palavra “incerteza” não existe na versão em inglês, sendo utilizada apenas na tradução: The dwarves of yore made mighty spells/While hammers fell like ringing bells/In places deep, where dark things sleep,/In hollow halls beneath the fells. (TOLKIEN, p. 18, 2006) (Grifos dos autores).

7 Balrogs eram originalmente Maiar que foram corrompidos por Morgoth, um dos espíritos primordiais, na Primeira Era da Terra-média. São demônios envoltos em chamas que, em uma mão, seguram uma espada, e na outra, um chicote. Eles aparecem em *O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel* (2002), e em *O Silmarillion* (2015).

8 A palavra “fells” no original foi traduzida por “penhascos do mar”. Fells é uma palavra britânica para montanha. Em *O Hobbit* o mar não desempenha a função vital que tem em outros livros como *O Senhor dos Anéis* e, principalmente, *O Silmarillion*.

A terceira estrofe do poema continua relatando sobre o passado dos anões e serviços prestados para “[...] o antigo rei e seu elfo senhor”. Muito provavelmente, nessa passagem, o termo “antigo rei” refira-se a Thrór, avô de Thorin, líder da companhia. Possivelmente, o elfo mencionado no verso diga respeito ao rei dos elfos da Floresta das Trevas, chamado Thranduil. Os anões dizem que criaram tesouros magníficos para esses governantes, captando a luz, prendendo-a em pedras preciosas. No entanto, o poema não diz qual luz foi captada nas gemas e o porquê. Temos uma ideia da origem dessas pedras quando lemos *O Silmarillion* (2015), e percebemos que os elfos adoravam as luzes e, em especial, a das estrelas. Pode ser que as gemas tenham sido criadas para os elfos.

A quarta e a sexta estrofes (a quinta repete a primeira, mas o último verso dessa estrofe é diferente) concedem mais informações acerca do passado dos anões e do seu trabalho no interior da montanha. Eles reforçam, por meio de palavras como colares de prata, coroas, fundiram, taça e harpas de ouro, o ofício desses seres. Eram criaturas muito dedicadas ao trabalho manual e à criação de variados objetos valiosos. Fundiam, diz o último verso da quarta estrofe, a luz do sol e da lua. Isso releva o quanto a arte de fundição e encanto dos anões era sofisticada, a ponto de, numa gema ou pedra, captarem a essência do sol e da lua. Isso pode ser, no entanto, uma metáfora para se referirem ao trabalho que praticavam, criando objetos tão fascinantes e belos quanto o brilho dos astros.

É interessante notarmos, no terceiro verso da quarta estrofe, que eles falam em fogo-dragão. A palavra utilizada nesse contexto não diz respeito ao fogo de Smaug, ou de qualquer outro dragão propriamente falando. Quanto eles dizem fogo-dragão, estão se referindo à temperatura necessária para realizarem seus trabalhos com o metal precioso, que utilizavam chamas tão poderosas, e inimaginavelmente quentes, quanto as chamas daquelas criaturas, ou do próprio dragão que invadiu a montanha-lar dos anões e dizimou inúmeros deles.

Prosseguindo, a sétima e oitava estrofes relatam a chegada de Smaug e a destruição que seguiu a sua chegada. Inicialmente, quando ele surgiu, “zumbiram pinheiros sobre a montanha”, e “uivaram os ventos em noites azuis”. Esses foram os prelúdios

do dragão que representou a ruína do reino dos anões. Em seguida, o Smaug atacou e queimou tudo com seu fogo. O último verso é bem ilustrativo do momento de sua atuação, pois “as árvores-tochas em fachos de luz” fazem clara referência a incêndio e queimadas. Os anões discutem após cantarem o poema na casa de Bilbo.

Depois da chegada do dragão, como relatado na oitava estrofe, os sinos da cidade de Valle soaram. Essa cidade, habitada por humanos, situava-se às margens da montanha e quem a governava era Girion. O lugar foi atacado e destruído. As pessoas, nas ruas, olhavam ansiosas para Smaug e à sua presença no local “erguiam-se pálidos rostos ansiosos”. O dragão destruiu tudo e o último verso ilustra bem esse acontecimento marcante: “Arrasando casas e torres formosas”. No entanto, o poema não relata se alguém sobreviveu à passagem da criatura.

A penúltima estrofe é bastante esclarecedora quanto ao destino dos anões após a investida de Smaug. O ataque aconteceu à noite, uma vez que faz referência à lua. O dragão invadiu a montanha e incendiou muito do que nela havia, o que no verso fica explícito pela fumaça que sai de Erebor. Os versos seguintes falam da saída dos anões remanescentes do local. Eles não podiam mais morar no interior da Montanha Solitária pois Smaug a havia tomado para si, junto com seu tesouro. Os anões agora estavam privados de tudo que um dia haviam construído e da sua riqueza. Eles fugiram da montanha e só encontraram a morte ao luar.

Finalizada a análise do primeiro poema, podemos tecer algumas considerações sobre o segundo. Enquanto aquele retratou, predominantemente, situações pregressas da história dos anões, envolvendo, inclusive, o ataque do dragão, o segundo irá realizar uma espécie de resumo da jornada até aquele momento. Observemos a estrutura do poema e as semelhanças com o anterior, pois ele possui sete estrofes com quatro versos cada, e as rimas acontecem tomando o segundo e o quarto versos. E assim como acontece com o primeiro em inglês, com o segundo poema temos também rimas envolvendo o primeiro, o segundo e o quarto versos, possuindo o terceiro uma rima interna. Abaixo, transcrevemos o segundo poema na íntegra para o analisarmos logo em seguida.

Sob a Montanha alta e sombria

De novo o Rei em seu trono está!

Morto o inimigo, o Dragão do Perigo,
E sempre assim o mal tombará.

Cortante é a espada, comprida, a lança,
Rápida, a flecha, forte, o Portão;
Nem teme agouro quem busca seu ouro
Nossos anões justiça terão.

Operavam encantos anões de outrora,
Ao som do martelo qual sino a soar
Na profundidade onde dorme a incerteza,
Em salas vazias sob penhascos no ar.

Em colares de prata eles juntaram
A luz das estrelas; fizeram coroas
De fogo-dragão e do mesmo cordão
Tiraram o som de harpas e loas.

O rei da Montanha de novo domina!
Ô vós que passais, ouvi seu clamor!
Vamos correr! Não há tempo a perder!
De amigo e parente o rei quer dispor.

Pelas montanhas gritemos todos
“Vamos voltar para o nosso tesouro!”
Eis ao Portão o rei de plantão,
Suas mãos cheias de gemas e ouro.

Sob a Montanha alta e sombria
De novo o rei em seu trono está!

Morto o inimigo, o Dragão do Perigo,
E sempre assim o mal tombará⁹.

(TOLKIEN, 2002a, p. 255)

O segundo poema está situado e contextualizado no capítulo *Tempestade à vista*. A primeira estrofe, logo nos dois primeiros versos, retrata o retorno do rei anão para a Montanha Solitária, pois, como vemos, “De novo o Rei em seu trono está!”. Thorin, descendente de Thrór, é o novo rei. No entanto, não há alegria entre eles, pois após a queda do dragão, a notícia de que a montanha estava desprotegida espalhou-se. Então, os homens da Cidade do Lago, que tiveram sua cidade destruída pelo dragão, seguiram para a montanha para pedir ajuda aos anões, uma vez que Thorin prometeu ajudá-los quando estavam em Esgaroth, quando haviam fugido dos calabouços do rei élfico, Thranduil.

9 Under the Mountain dark and tall/The King has come unto his hall!/His foe is dead, the Worm of Dread,/And ever so his foes shall fall.

The sword is sharp, the spear is long,/The arrow swift, the Gate is strong;/The heart is bold that looks on gold;/ The dwarves no more shall suffer wrong.

The dwarves of yore made mighty spells,/While hammers fell like ringing bells/ In places deep, where dark things sleep,/In hollow halls beneath the fells.

On silver necklaces they strung/ The light of stars, on crowns they hung/ The dragon-fire, from twisted wire/The melody of harps they wrung.

The mountain throne once more is freed!/O! wandering folk, the summons heed!/Come haste! Come haste! across the waste!/The king of friend and kin has need.

Now call we over mountains cold,/“Come back unto the caverns old!”/Here at the Gates the king awaits,/His hands are rich with gems and gold.

The king is come unto his hall/Under the Mountain dark and tall./The Worm of Dread is slain and dead,/And ever so our foes shall fall! (TOLKIEN, 2006, p. 304-305)

Essa canção pareceu agradar a Thorin, e ele sorriu de novo e ficou contente; começou avaliar a distância até as Colinas de Ferro e o tempo que Dain levaria para chegar à Montanha Solitária, se tivesse partido logo após receber a mensagem. Mas o coração de Bilbo ficou pesado, por causa da canção e da conversa: pareciam belicosas demais. (TOLKIEN, 2002a, p. 255).

A canção soa para Bilbo como algo bélico demais. Os anões querem defender seu tesouro daqueles que, no olhar deles, desejam saqueá-lo, muito embora as pessoas que estejam acampadas perto da entrada da montanha sejam os homens da Cidade do Lago. Dain é o primo de Thorin e este o convocou para ajudá-lo a defender o espaço. É nesse contexto que se insere a segunda estrofe. Nele, os anões falam em espadas cortantes e lanças compridas, flechas rápidas e portão forte. Os anões estão se preparando para defender o lugar contra quem quiser invadir, mesmo contra os homens do lago, seus amigos.

É possível notar a semelhança da primeira canção com a segunda, não somente em estrutura, embora mais curta, mas em conteúdo, quando lemos a terceira estrofe e percebemos que ela é semelhante à segunda do primeiro poema, com a exceção de que no lugar de antros vazios, há “[...] salas vazias sob penhasco no ar”¹⁰. Os anões retomam a primeira canção e a transformam para adequá-la aos novos acontecimentos. Mais uma vez, nessa estrofe, eles ressaltam a grandeza e os feitos dos anões de outrora, exatamente como fizeram com o outro poema. No entanto, há, nessa passagem, um tom de melancolia, pois, mesmo recuperando o seu lar, eles não sabem o que fazer com o local, que é imenso, em comparação com quantidade de anões, e nem como transportar o tesouro, ou o que fazer com ele. Eles também não têm o que comer e logo passarão fome se não negociarem. O verso que melhor define essa estrofe e o ânimo dos anões é “Na profundidade onde dorme a incerteza”.

10 O uso do termo “sala” para “hall” é uma decisão estilística do tradutor. Notamos também o uso de “penhascos no mar”, no primeiro poema, e, no segundo, temos, “penhascos no ar” para a palavra “fell”.

A estrofe seguinte é semelhante à quarta estrofe da primeira canção. Os anões retomam os objetos que produziam e dizem que a luz captada nas gemas e joias era, de fato, a luz das estrelas. O poema, entretanto, não é de todo semelhante, pois no último verso, novos elementos aparecem, como harpas e loas, instrumentos de música, aludindo ao alívio e à felicidade do momento. Mas, pelo tom belicoso das estrofes, eles estão preocupados e com raiva, pois o tesouro foi recuperado e ninguém teria direito a nenhuma parte do que montante.

O poema prossegue e, na estrofe seguinte, os anões realizam um clamor ao rei sob a montanha, dizendo “O rei sob a Montanha de novo domina!/Oh vós que passais, ouvi seu clamor!”. O poema é múltiplo em tons e quando se contrasta com o contexto, percebemos que é paradoxal. O ânimo deles foi perturbado por conta dos homens do lago que querem uma parte do tesouro para reconstruírem sua cidade. O clima é de tensão e desconfiança e, também, no fundo, de melancolia. A música, como relatado, injeta novo ânimo, por ter um tom, no geral, de guerra e luta, que os instiga à ação de defesa do local.

A partir da quinta estrofe, o tom muda e fica mais animado. Podemos perceber uma determinação maior nos anões. Os dois últimos versos promovem uma espécie de “chamamento” para participar da empreitada de guardar o tesouro. Como eles cantam sozinhos, o efeito é para ser provocado somente neles. “Vamos correr!/Não há tempo a perder!/De amigo e parente o rei quer dispor” são os versos finais, comprovando a convocação dos presentes. Muitos deles estão apreensivos e hesitantes, uma vez que o povo do lago os ajudou quando necessitaram. Um deles é Bilbo e ele resolve isso entregando a Pedra Arken, a Pedra do Rei, à Thranduil, o rei dos elfos, que havia chegado para dar apoio aos homens do lago. Gandalf também estava com eles.

A sexta estrofe complementa a quinta quando reforça o clima de louvor ao rei sob a montanha e à recuperação do tesouro. Os anões têm motivos para estarem felizes, pois eles não são mais criaturas sem pátria e não precisam mais vagar sem lar pelo Ermo da Terra-média. É possível notar, inúmeras vezes, os pontos de conexão, ou dialogismo, dos poemas com a narrativa maior acontecendo. Basicamente, os poemas funcionam como reforço dos acontecimentos, sendo que, em alguns momentos, eles

antecipam a história para o leitor, e, em outros, eles recontam os fatos pregressos. Os anões cantam para si e nesse processo recuperam o sentimento de determinação, como se nota nos versos, “Eis ao Portão o rei de plantão/ Suas mãos cheias de gemas e ouro”.

A última estrofe repete a primeira em conteúdo e finaliza uma série de sete estrofes cantadas pelos anões no interior da Montanha Solitária. Como foi possível notar, em vários pontos dos poemas, os versos tocam os acontecimentos da história que é contada em *O Hobbit*, promovendo um diálogo entre os dois gêneros no interior da narrativa. Bakhtin (2005, p. 94-95) nos aponta que “[...] o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade”.

Considerações finais

Nós havíamos proposto desenvolver neste trabalho uma análise dialógica nos termos de Bakhtin da relação entre o gênero poema e o gênero romance na obra *O Hobbit*, de J.R.R. Tolkien. Tomando como base os poemas presentes na narrativa citada, relacionamos o conteúdo desses, com o conteúdo da história em prosa desenvolvida na obra, evidenciando pontos de contato e dialogismo.

O dialogismo proposto por Bakhtin (2015) refere-se à interconexão existente entre os discursos produzidos por uma comunidade, por uma cultura ou mesmo por uma sociedade. O dialogismo no interior do romance é caracterizado por uma relação conteudística entre os poemas e a história em prosa. Analisamos os dois gêneros e evidenciamos seus pontos de contato, fosse anterior ao momento de reunião na casa de Bilbo, fosse posterior, retomando a história. Os dois poemas possuem estruturas semelhantes e, em alguns casos, estrofes com versos iguais.

A análise revelou que os dois gêneros dialogam em muitos pontos da história. O primeiro poema discorre sobre os eventos anteriores ao momento da reunião na casa de Bilbo, no Condado, retratando os tempos de glória do reino dos anões quando da chegada do dragão à Montanha Solitária. O poema narra a chegada de Smaug e a

destruição que este causou nos entornos do local, expulsando os anões remanescentes, pois muitos foram mortos, para terras distantes. O poema dialoga com a narrativa no início da história e vai além, pois retoma o infortúnio atravessado pelos anões nos tempos de outrora.

O segundo poema dialoga com a narrativa *a posteriori*, mostrando alguns dos fatos acontecidos até o momento em que o dragão é morto. No entanto, ele retoma alguns elementos do primeiro poema para reforçar a glória dos anões e injetar ânimo no espírito deles quando percebem que o tesouro está desprotegido e que os homens do lago querem ajuda, afinal, o dragão só atacou a Cidade do Lago porque descobriu que eles haviam ajudado os anões na empreitada de chegar à montanha.

Nesses termos, entendemos que os poemas selecionados são indicativos do dialogismo e representativos da interconexão existente entre os discursos dos poemas e do romance. Entendemos também que, devido às limitações de espaço, a análise de dois poemas não foi suficiente para cobrirmos toda a história desenvolvida na obra. Uma análise com os demais poemas evidenciará mais apropriadamente o dialogismo.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: estilística*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do texto. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 327-358.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud et. al. 9. Ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BRAIT, B. *Dialogismo e construção de sentido*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2005.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 2007.

LOPEZ, R. S. *O Senhor dos Anéis e Tolkien: o poder mágico da palavra*. São Paulo: Devir: Arte e Ciência, 2004.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso ADD. Domínios de lingu@gem, Uberlândia, v. 10, n.3, jul./set. 2016. Disponível em: <http://WWW.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/33006>. Acesso em: 30 jun. 2018.

TOLKIEN, J. R. R. *O Hobbit*. Tradução de Lenita Maria Rimoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2002a.

TOLKIEN, J. R. R. *O Senhor dos Anéis: A sociedade do anel*. Tradução de Lenita Maria Rimoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2002b.

TOLKIEN, J. R. R. *O Senhor dos Anéis: As duas torres*. Tradução de Lenita Maria Rimoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2002c.

TOLKIEN, J. R. R. *O Senhor dos Anéis: O retorno do rei*. Tradução de Lenita Maria Rimoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2002d.

TOLKIEN, J. R. R. *O Simarillion*. Tradução de Waldéa Barcelos. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

TOLKIEN, J. R. R. *The Hobbit*. 5 ed. London: Harper Collins, 2006.